

# CASOS DE ARBITRARIEDADE NO SISTEMA DE ESCRITA DO PORTUGUÊS: DADOS DE 8ª SÉRIE EM DISCUSSÃO

*Cristiano Egger Veçossi\**

**Resumo:** Neste artigo, o qual é parte da dissertação de mestrado do autor, intitulada “A interferência da fala na escrita de alunos de 8ª série de uma escola pública: desdobramentos”, tratamos dos erros de escrita denominados por Zorzi (1998) como “Alterações ou erros decorrentes das possibilidades de representações múltiplas”, isto é, ocorrências nas quais o aprendiz da escrita erra em virtude de escolher, para representar determinado fonema, um grafema possível, mas que não é o eleito pelo sistema ortográfico da língua. Na análise dos dados, partimos de um corpus de textos produzidos por alunos pertencentes a duas turmas de 8ª série de uma escola pública estadual do município de Santa Maria-RS. Além de analisar as ocorrências com possibilidades de representações múltiplas, enfocamos, dentre os dados, os casos nos quais o conhecimento de uma regra contextual (de natureza morfológica ou não), por parte do aprendiz, poderia ter evitado o erro. Os resultados apontam principalmente que, na maior parte das ocorrências analisadas, o conhecimento de regularidades de cunho contextual/morfológico teria garantido a grafia correta dos itens lexicais, ou então, ao menos, teria diminuído o número de opções possíveis para se grafar determinado fonema, o que, da mesma forma, facilitaria o trabalho do aprendiz da escrita na difícil tarefa de escolher um grafema para representar o fonema pretendido.

**Palavras-chave:** Escrita; Possibilidades de representações múltiplas; 8ª série.

## Introdução

Ao analisarmos os erros de escrita, observamos que estes são motivados, basicamente, por dois fatores: o apoio sobre o padrão oral e a não-concordância com as idiossincrasias do sistema ortográfico da língua.

Erros do primeiro tipo envolvem a intervenção de questões de cunho fonético/fonológico sobre a representação escrita do aprendiz. Desse modo, seja porque o aprendiz apresenta problemas na distinção entre consoantes surdas e sonoras (o que resulta em grafias como ‘sucho’ - *sujo*), seja porque ele apoia sua escrita sobre o modo de falar (resultando em grafias como ‘cumida’ - *comida*), vemos, nessa primeira classe de erros, a incidência da oralidade sobre a escrita.

---

\*

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Erros do segundo tipo, por sua vez, são resultado da opção que faz o aprendiz por um grafema<sup>1</sup> possível para representar determinado fonema, mas que não é o previsto pelo sistema ortográfico do idioma. Neste artigo, trataremos de erros desse tipo, os quais, segundo a terminologia adotada por Zorzi (1998), correspondem a alterações ortográficas por *possibilidades de representações múltiplas*.

Conforme Lemle (2003, p. 41), erros dessa natureza correspondem ao que a autora denomina de *falhas de terceira ordem*, isto é, denotam que o aprendiz da escrita já se encontra alfabetizado, pois já compreendeu as arbitrariedades do sistema ortográfico, no qual nem sempre há correspondência biunívoca entre os sons da fala e as letras. As dúvidas, nessa fase, envolvem qual grafema empregar dentre os possíveis para determinado contexto linguístico.

Assim, analisaremos ocorrências tais como ‘dise’ (disse), ‘voçê’ (você) e ‘enxer’ (encher), presentes em dados oriundos de alunos de 8ª série do ensino fundamental. Das ocorrências atestadas no corpus de nosso estudo, procuramos, também, distinguir os casos nos quais o conhecimento, por parte do aprendiz, de uma regra de cunho contextual/morfológico auxilia a escolha pelo grafema convencionalizado pelo sistema ortográfico, sendo, muitas vezes, capaz de garantir a escrita correta.

## **1. O sistema ortográfico do português brasileiro**

Falar de ortografia é levar em conta que esta é uma lei, que aponta qual é a opção correta, dentre as muitas possíveis. Então, em primeiro momento, necessário se faz compreender que as línguas não são estruturas fixas, mas sistemas vivos, os quais sofrem constantes modificações, especialmente no uso oral que fazem delas os falantes, e, considerando, ainda, que tais modificações afetam, também, a escrita dos usuários de determinado sistema linguístico, “para re-estabelecer o equilíbrio e, sobretudo, para bloquear novas tentativas de modificação, surgem leis e normas que determinam como deve ser a ortografia das palavras” (CAGLIARI, 1999, p. 101).

Considerando o caráter alfabético do sistema ortográfico do português brasileiro, isto é, “as letras<sup>2</sup> representam as unidades sonoras da palavra” (REGO e BUARQUE, 2005, p. 22), torna-se fundamental para o aprendiz perceber a relação de simbolização entre os sons da fala e as letras, isto é, que os grafemas representam fonemas.

Quando o alfabetizando descobre essa equivalência, isto é, compreende o valor sonoro das letras e dos dígrafos, logo perceberá que um som pode ser representado por mais de uma letra, do mesmo modo que uma letra pode representar mais de um som, ou seja, como afirma Lemle (Ibidem, p. 17), entre letra e som não há um “casamento

---

<sup>1</sup> Conforme Scliar-Cabral (2003, p. 27), esta unidade é definida como uma ou duas letras que representam um fonema. A partir dessa acepção, depreende-se que, por exemplo, um dígrafo (‘ss’, ‘rr’, ‘gu’) corresponde a um grafema, ao passo que a letra ‘h’ em palavras nas quais não representa nenhum fonema (caso de ‘hino’, por exemplo), não corresponde a nenhum grafema.

<sup>2</sup> Ou então, melhor dizendo, os grafemas.

monogâmico”, havendo, no português brasileiro, uma série de exemplos do que a autora chama de “poliandria” ou “poligamia”, ou seja, quando um fonema pode ser representado por mais de um grafema e vice-versa. Isso porque, em português, há poucos casos de coincidência biunívoca entre letras e sons (caso do fonema /p/, por exemplo, que só pode ser representado pela letra ‘p’, e vice-versa).

Nesse sentido, para que ocorra a aquisição da escrita, é imprescindível que o aprendiz perceba que oralidade e escrita, embora sejam duas modalidades relacionadas, apresentam diferenças, peculiaridades, de modo que, no caso desta, em virtude de seu caráter perene, que faz com que um texto se perpetue em tempo e espaço diferentes, há uma norma, chamada ortografia, que permite que um texto que foi produzido em determinada época possa ser lido anos (ou até séculos) mais tarde. Nas palavras de Cagliari:

A ortografia surge exatamente de um “congelamento” da grafia das palavras, fazendo com que ela perca sua característica básica de ser uma escrita pelos segmentos fonéticos, passando a ser a escrita de “uma palavra de forma fixa”, independente de como o escritor fala ou o leitor diz o que lê. (CAGLIARI, 1999, p. 65-66)

Desse modo, nosso sistema de escrita é essencialmente fonêmico, e não fonético, haja vista que visa a representar, por meio de sinais gráficos, apenas o que é significativo na fala oral, neutralizando, assim, a variação linguística, o que leva a existir, como afirma o autor, uma série de “incongruências” entre os sons e as letras. Como afirma Moraes (2005, p. 8), “a ortografia é um tipo de saber resultante de uma convenção, de negociação social e que assume um caráter normatizador, prescritivo”, assim como a escolha pela forma considerada ortograficamente correta é, em alguns casos, totalmente arbitrária, resultado de uma convenção social, que elege, a partir das diversas formas presentes na oralidade, uma delas como sendo a correta na modalidade escrita.

Assim, a tarefa de escolher qual grafema deve ser empregado para representar o fonema /s/, por exemplo, não é das mais fáceis. Isso porque as opções possíveis são muitas. Em início de palavra, /s/ pode ser grafado com ‘s’ (saco), ‘c’ – antes de ‘e’ ou ‘i’ – (cena); em contexto intervocálico, as opções possíveis são ‘ss’ (massa), ‘c’ (ócio), ‘ç’ (raça), ‘sc’ (nascimento), ‘sç’ (nasça), ‘x’ (sintaxe)<sup>3</sup>, ‘xc’ (exccesso); entre vogal e consoante, pode ser grafado com ‘s’ (manso), ‘c’ – diante das vogais ‘e’ ou ‘i’ – (enciclopédia), ‘ç’ – diante de ‘a’, ‘o’ ou ‘u’ – (rango), ‘x’ (exxperiência); em final de vocábulo, são duas as opções possíveis: ‘s’ (gáss) ou ‘z’ (pazz).

No entanto, felizmente, há casos nos quais, embora haja múltiplos grafemas possíveis para representar determinado fonema, o aprendiz pode garantir a escrita correta, se atentar para um princípio regular do sistema de escrita. De acordo com Gak

---

<sup>3</sup> Cabe assinalar que tal palavra é pronunciada também como ‘sinta[ks]e’. Nesse caso, o grafema ‘x’ assume valor de [ks], e não de [s].

(apud MOREIRA & PONTECORVO, 1996, p. 82), os princípios que justificam a correta grafia de uma palavra podem ser de diferentes naturezas.

O *fonético-gráfico*, que visa a representar, de acordo com os recursos gráficos da língua, os seus sons, admitindo assimetrias nessa representação, na condição de serem elas regulares e determinadas pelo ambiente; o *morfológico*, que consiste em dar a mesma forma gráfica a um morfema, independentemente das alternâncias que o possam afetar na derivação; o *etimológico*, que visa a reproduzir as grafias próprias das respectivas línguas de onde se originaram as palavras em questão; o da *diferenciação*, que serve para distinguir homônimos.

Desse modo, na análise dos dados, enfocaremos as ocorrências nas quais princípios de cunho fonético-gráfico e morfológico poderiam auxiliar o aprendiz na tarefa de escolher as formas ortográficas da língua.

## **2. Os casos de “Possibilidades de representações múltiplas”, conforme Zorzi (1998)**

No estudo realizado por Zorzi (1998) com 514 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental de cinco escolas particulares do estado de São Paulo, o autor constatou a grande dificuldade dos estudantes quanto aos casos nos quais a relação entre fonemas e grafemas não é estável. Assim, as *alterações ou erros decorrentes da possibilidade de representações múltiplas*, tal como denominou o autor, ocuparam o primeiro lugar (47,5% de ocorrência) entre as dificuldades ortográficas dos sujeitos pesquisados. Tal como aconteceu na maior parte das categorias consideradas no estudo do autor, o número de erros das turmas decresce à medida que as séries avançam. Mesmo assim, no entanto, o percentual de ocorrências envolvendo as *possibilidades múltiplas* é alto nas quatro séries pesquisadas.

Nesse sentido, a escolha dentre as opções possíveis para grafar os fonemas /s/, /z/, /ʃ/, /Z/, /k/, bem como os “sons do erre” e os grafemas empregados para marcar a nasalidade das vogais mostraram-se como as principais dificuldades para os alunos em processo da apropriação da escrita.

O alto percentual de ocorrência de erros dessa natureza – quase metade da amostra – deve-se, conforme Zorzi (ibidem, p. 42), à natureza (alfabética) do sistema de escrita do português:

O fato de um mesmo fonema poder ser representado por diversas letras ou, inversamente, uma mesma letra poder ser usada para grafar diferentes

fonemas, contraria um princípio de correspondências biunívocas entre sons e letras: para cada som uma letra e vice-versa.

Desse modo, é o próprio sistema ortográfico da língua que impõe tamanha dificuldade para o aprendiz da escrita, tendo em vista o grande número de fonemas com diversas possibilidades de grafia, bem como a alta incidência destes nas palavras da língua portuguesa. Além disso, conforme o autor (*ibidem*, p. 48), o método de alfabetização comumente adotado, o qual enfoca certos paradigmas canônicos da língua (“sa, se, si, so, su”, por exemplo), pode contribuir no sentido de acentuar a dificuldade do aprendiz nos casos em que não há completa transparência entre fonemas e grafemas.

### 3. Metodologia

Os textos que são analisados neste artigo foram produzidos por 27 alunos que estavam matriculados na 8ª série de uma escola pública estadual da cidade de Santa Maria, no ano de 2006. Destes, 17 alunos frequentavam o ensino regular, diurno (8ª B), e 10 alunos compunham o ensino noturno, organizado em módulos, (8ª D)<sup>1</sup>. Quanto à idade dos sujeitos, cabe salientar que os alunos da turma da 8ª B tinham, no período das coletas, entre 14 e 16 anos; a turma do noturno apresentava alunos de diversas idades (de 16 a 31 anos), muitos deles repetentes ou que retornaram à escola depois de muitos anos afastados dela.

Assim, o corpus de nossa pesquisa é composto por 35 textos. Os alunos do noturno produziram 18 textos (incluindo os oriundos da atividade de reescrita, a qual foi realizada somente na 8ª D); os participantes da turma regular são responsáveis por 17 produções (nessa turma cada aluno produziu apenas um texto).

Os textos analisados, fábulas, não foram coletados especialmente para a realização desta pesquisa. Tais produções foram obtidas pelo pesquisador durante o estágio curricular, ainda no período de Graduação.

O então estagiário ressaltou que as produções seriam avaliadas em termos de adequação às quatro categorias básicas da narrativa. Assim, acreditamos que, durante o tempo que foi destinado para a produção (aproximadamente um período de aula), os alunos tenham focado sua atenção no conteúdo de seus textos, fato que possivelmente tenha os deixado menos preocupados com aspectos formais.

---

<sup>1</sup> O ensino em módulos foi uma opção encontrada pela escola para tentar conter a evasão no período noturno. O diferencial dessa modalidade de ensino é uma diminuição na carga horária das disciplinas, resultando em períodos de aula mais curtos, sendo as aulas de cada uma das disciplinas concentradas em poucos dias da semana.

Embora, em nosso estudo, analisemos tais textos a partir de 9 categorias<sup>2</sup>, neste artigo, focamos nossa atenção somente para os erros referentes às *possibilidades múltiplas*. Assim, dos textos, selecionamos as ocorrências pertencentes a esta categoria e as agrupamos em dois quadros, um para cada uma das turmas. Além de analisarmos as ocorrências, investigamos os casos nos quais o conhecimento de um princípio de cunho contextual/morfológico poderia garantir a evitação do erro.

#### 4. Descrição e análise dos dados

##### 4.1 Os casos de possibilidades de representações múltiplas em ambas as turmas pesquisadas

Dentre as demais categorias consideradas em nosso estudo, os erros ortográficos decorrentes das *possibilidades de representações múltiplas* estiveram em segundo lugar em termos de frequência de ocorrência.

Assim, nos quadros 1 e 2, apresentamos os erros encontrados em cada uma das turmas com relação a esta categoria.

REPRESENTAÇÕES MÚLTIPLAS – 8ª B	
TIPO DE ERRO	OCORRÊNCIAS
Grafia do fonema /s/	‘dige’ (disse), ‘desizoes’ (decisões), ‘voçê’ (você), ‘feros’ (feroz)
Grafia do fonema /z/	‘mintirozo’ (mentiroso), ‘desizoes’ (decisões)
Grafia do fonema /j/	‘enxer’ (encher), ‘chingaram-no’ (xingaram-no)

QUADRO 1: Erros motivados pela possibilidade de representações múltiplas – 8ª B

<sup>2</sup> São elas: 1) Apoio na oralidade; 2) Representações múltiplas; 3) Generalização de regras; 4) Erros nas sílabas de estruturas complexas; 5) Junção/separação não-convencional de palavras; 6) Confusão entre as terminações *am* e *ão*; 7) Erros por ausência de nasalização; 8) Trocas surdas/sonoras; 9) Casos particulares.

Observamos que os erros causados pela *possibilidade de representações múltiplas* afetam, em primeiro lugar, as diferentes maneiras de grafar o fonema /s/. Tal dificuldade, como vimos, é colocada pelo próprio sistema ortográfico da língua. Como se poderá ver em um dos quadros seguintes, a maioria dos erros aqui elencados poderiam ter sido evitados se os aprendizes levassem em conta determinadas regras contextuais. Apenas a ocorrência ‘feros’ (feroz) é realmente arbitrária, visto ser ‘s’ uma opção possível para tal contexto linguístico.

No caso das grafias para /z/, observamos que, na posição intervocálica, são três os grafemas possíveis: ‘s’ (casa), ‘z’ (reza) e ‘x’ (exame). Nas duas ocorrências de erros envolvendo a grafia do fonema /z/, o aprendiz optou pela letra ‘z’.

Com relação aos grafemas possíveis para se representar o fonema /j/, são duas as opções: ‘x’ (xarope, roxo) ou ‘ch’ (chave, mecha). Conforme Scliar-Cabral (2003, p. 132), em interior de palavra e após ditongo ([ej], [ow], [aj]), geralmente emprega-se a letra ‘x’ (faixa, deixar, frouxo). Também é essa a letra empregada para grafar tal fonema após a sequência ‘en’ (enxame, enxada, enxurrada). De acordo com esta última regra apresentada, a grafia ‘enxer’ (encher), atestada nos dados da 8ª B, seria a correta. Nesse caso, no entanto, o sistema ortográfico opta pelo grafema que se apresenta como exceção à regra. A ocorrência ‘chingaram-no’ (xingaram-no), em virtude do contexto inicial, sobre o qual nenhuma regra de natureza contextual atua, corresponde a um caso de arbitrariedade do sistema de escrita.

O quadro 2, apresentado abaixo, traz os erros referentes à categoria *Possibilidade de representações múltiplas* observados nos dados da 8ª D.

REPRESENTAÇÕES MÚLTIPLAS – 8ª D	
TIPO DE ERRO	OCORRÊNCIAS
Grafia do fonema /s/	‘tived <u>e</u> s’ (tivesse), ‘tived <u>e</u> ’ (tivesse), ‘comess <u>o</u> ’ (começou), ‘comes <u>o</u> ’ (começou), ‘encontr <u>a</u> s’ (encontrasse), ‘encontr <u>a</u> ç <u>e</u> m’ (encontrassem), ‘c <u>i</u> ngero’ (sincero), ‘ <u>s</u> erta’ (certa), ‘comparç <u>a</u> ’ (comparsa), ‘aparens <u>i</u> a’ (aparência)
Grafia do fonema /r/	‘morr <u>a</u> mos’ (moramos) (2x), ‘morr <u>a</u> r’ (morar) (2x)
Grafia do fonema /z/	‘asves <u>e</u> s’ (às vezes), ‘roze <u>r</u> a’ (roseira)
Grafia do fonema /R/	‘enrr <u>a</u> ivado’ (enraivado)
Grafia do fonema /j/	‘rela <u>ch</u> ado’ (relaxado)

Grafia do fonema /g/	‘ningém’ (ninguém)
----------------------	--------------------

QUADRO 2: Erros motivados pela possibilidade de representações múltiplas – 8ª D

No caso dos erros envolvendo o fonema /s/, os quais parecem representar a maior fonte de dificuldade também para os alunos desta turma, cabe assinalar que as ocorrências ‘tívese’ (tivesse), ‘tíveçe’ (tivesse), ‘começou’ (começou), ‘encontrase’ (encontrasse), ‘encontragem’ (encontrassem) poderiam ser evitadas por conhecimentos de cunho morfológico (paradigmas verbais), como se poderá ver no quadro 3, apresentado na sequência. No entanto, no caso das grafias ‘cínsero’ (sincero) e ‘serta’ (certa), devemos lembrar que, como atesta Scliar-Cabral (2003, p. 155), o fonema /s/ em posição de início de palavra, antes de vogal oral ou nasalizada não posterior, ou antes de semivogal [j], pode ser grafado com ‘s’ (caso de ‘seda’) ou com ‘c’ (como em ‘cena’). Já no caso de ‘cínsero’ (sincero) e de ‘aparensia’ (aparência), o fonema /s/ em início de sílaba, entre vogal nasalizada e vogal oral (primeira ocorrência) ou entre vogal nasalizada e semivogal não posterior (segunda ocorrência) pode ser grafado com ‘s’, ‘c’ ou ‘sc’ (cf. SCLIA-CABRAL, Ibidem, p. 156). Desse modo, há mais de uma opção possível, além da que é eleita pelo sistema ortográfico, para grafar o fonema em questão.

Quanto à grafia do fonema /r/, este deve ser grafado sempre com ‘r’. No entanto, as duas ocorrências envolvem o emprego do dígrafo ‘rr’ para grafar tal segmento em posição intervocálica: ‘morrarmos’ (morarmos); ‘morrar’ (morar).

Quanto à grafia do fonema /z/, embora ambas as ocorrências envolvam a opção, por parte do aprendiz, de um grafema possível para tal contexto: ‘asveses’ (às vezes), ‘rozeira’ (roseira), somente a primeira envolve um caso totalmente arbitrário do sistema ortográfico.

No caso do fonema /R/, este apresenta uma série de regras de cunho contextual, a fim de garantir a grafia correta: em posição inicial (rato) e entre consoante e vogal (genro) deve ser grafado com ‘r’; já entre duas vogais, deve ser grafado com o dígrafo ‘rr’: carro. No caso da ocorrência ‘enraivado’ (enraivado), atestada nos dados oriundos da 8ª D, o aprendiz parece desconhecer a regra que proíbe o emprego do dígrafo entre consoante e vogal.

Quanto à grafia do fonema /j/, a única ocorrência atestada envolve um caso de arbitrariedade do sistema de escrita: ‘relachado’ (relaxado). Já com relação à grafia do fonema /g/, a ocorrência ‘ningém’ (ninguém) revela desconhecimento por parte do aprendiz de uma regra de cunho contextual, relativa a uma regularidade do sistema ortográfico, como se poderá ver de modo detalhado na seção seguinte deste artigo.

#### 4.2 Possibilidades de representação múltipla com limitação contextual/morfológica

Dentre as ocorrências apresentadas nos dois quadros anteriores, relativos aos erros de ambas as turmas pesquisadas, recortamos os casos nos quais, por meio do conhecimento de uma regra de cunho contextual e/ou morfológico, o aprendiz poderia ter evitado o erro. Apresentamos tais ocorrências no quadro mostrado a seguir.

REPRESENTAÇÕES MÚLTIPLAS COM LIMITAÇÃO CONTEXTUAL/MORFOLÓGICA	
TIPO DE ERRO	OCORRÊNCIAS
Grafia do fonema /s/	‘dis <u>e</u> ’ (disse), ‘de <u>s</u> izoes’ (decisões), ‘vo <u>ç</u> ê’ (você), ‘t <u>i</u> ve <u>s</u> e’ (tivesse), ‘t <u>i</u> ve <u>ç</u> e’ (tivesse), ‘co <u>m</u> eu’ (começou), ‘en <u>c</u> ontr <u>s</u> e’ (encontrasse), ‘en <u>c</u> ontr <u>ç</u> em’ (encontrassem)
Grafia do fonema /r/	‘mo <u>r</u> ra <u>r</u> mos’ (moramos) (2x), ‘mo <u>r</u> ra <u>r</u> ’ (morar) (2x)
Grafia do fonema /z/	‘mi <u>n</u> t <u>i</u> ro <u>z</u> o’ (mentiroso), ‘ro <u>z</u> eira’ (roseira)
Grafia do fonema /R/	‘en <u>r</u> raivado’ (enraivado)
Grafia do fonema /g/	‘ni <u>n</u> g <u>g</u> em’ (ninguém)

QUADRO 3: Erros motivados pela possibilidade de representações múltiplas com limitação contextual ou morfológica

Assim como a maioria dos erros relativos à possibilidade de representações múltiplas envolve a grafia de /s/, a maioria das ocorrências com limitação contextual ou morfológica são relativas à grafia deste fonema. Desse modo, no caso de ‘dise’ (disse), ‘desizoes’ (decisões) e ‘comeu’ (começou), saber que o grafema ‘s’ entre duas vogais não se presta a grafar o fonema /s/, mas é uma opção possível de se grafar /z/, embora não garanta a evitação do erro, ao menos diminui o número de grafemas possíveis para tal segmento. O mesmo ocorre com relação à palavra ‘voçê’ (você): o conhecimento de que o grafema ‘ç’ só pode ser utilizado diante de ‘a’ (calça); ‘o’ (maço) e ‘u’ (açude), não podendo ser utilizado diante das vogais ‘e’ e ‘i’, diminui o número de opções possíveis para grafar o fonema /s/ em tal contexto. Já no caso de ‘tivese’/‘tiveçe’ (tivesse), ‘encontrse’ (encontrasse), ‘encontrçem’ (encontrassem), o conhecimento de regras contextuais de natureza morfológica poderiam garantir a grafia correta por parte do aprendiz. Nesse caso, ‘-sse’ é desinência modo-temporal, sempre grafadas com o dígrafo ‘ss’. Além disso, no caso das duas primeiras ocorrências, mesmo que o aprendiz não conhecesse o princípio calcado na morfologia, o simples fato de saber que ‘s’ entre

duas vogais representa o fonema /z/ (e não /s/), do mesmo modo, já diminuiria o número de grafemas possíveis para tal contexto.

No que tange à grafia do segmento /r/, a regra categórica de que este sempre deve ser grafado com ‘r’ garante a grafia correta. No entanto, ao que parece, o problema de grafias como ‘morrarmos’ (morarmos) e ‘morrar’ (morar) talvez não esteja no desconhecimento desse princípio do sistema de escrita, mas na análise que faz o aprendiz de sua própria fala. Sabemos que na fala de descendentes de alemães, as trocas entre /r/ e /R/ apresentam-se como frequentes, o que talvez possa ser fator motivador para que erros dessa natureza incidam também na escrita.

As grafias errôneas envolvendo o fonema /z/: ‘mintirozo’ (mentiroso), ‘rozeira’ (roseira) devem-se, respectivamente, à desatenção a dois princípios morfológicos: o desconhecimento de que após o radical pode ocorrer a anexação do sufixo ‘-oso’, sendo este sempre grafado com ‘s’ (feioso, raivoso, etc.) e a desconsideração da grafia correta da palavra primitiva como parâmetro para a da palavra derivada (rosa → rozeira).

No caso da segunda palavra, percebemos uma das três motivações apontadas por Kato (1986) como influenciadoras da escrita. A *motivação lexical* (KATO, 1986, p. 18-19) abrange os casos nos quais se mantém uma mesma letra, ou conjunto de letras para grafar diferentes fonemas, em virtude de as palavras envolvidas pertencerem a uma mesma “família”. Este é o caso, por exemplo, das palavras ‘médico’ e ‘medicina’, as quais, embora envolvam diferentes fonemas (‘médi[k]o’, ‘medi[s]ina’), são grafadas, igualmente, com ‘c’, em virtude de apresentarem o mesmo radical (‘medic’). Mais uma vez, um princípio morfológico é capaz de auxiliar o aprendiz.

Nas ocorrências ‘enrraivado’ (enraivado) e ‘ningem’ (ninguém), observamos a dificuldade dos aprendizes com, respectivamente, a grafia dos fonemas /R/ e /g/, ambos envolvendo o emprego de dígrafos. Desse modo, no primeiro caso, o escrevente parece desconhecer o princípio que postula que, entre consoante e vogal, deve-se empregar ‘r’; já no segundo caso, parece haver desatenção à regra de que o fonema /g/ antes de ‘a’, ‘o’ e ‘u’ deve ser grafado com a letra ‘g’ (gato, mago, gula), mas que, diante de ‘e’ e ‘i’, deve ser grafado com o dígrafo ‘gu’ (gueto, guitarra), uma vez que, diante dessas duas últimas letras, ‘g’ presta-se apenas para grafar o fonema /Z/: ‘gelo’; ‘girafa’.

Assim, observamos que, das 28 ocorrências enquadradas como *possibilidades de representações múltiplas*, mais da metade delas (16 ocorrências) poderiam ter sido evitadas, ou, pelo menos, teriam o número de grafemas possíveis diminuído, pelo conhecimento de regras ortográficas de limitação contextual (morfológicas ou fonético-gráficas), conforme vemos no gráfico abaixo.

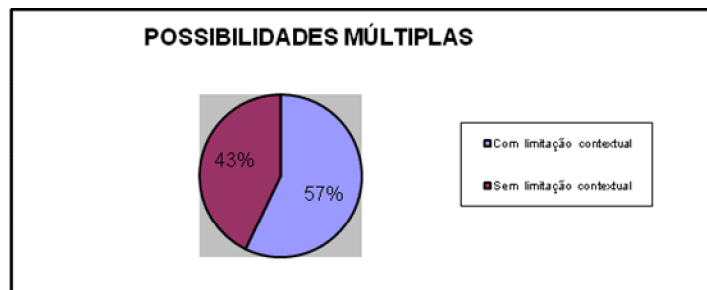


FIGURA 1: Possibilidades múltiplas – erros com/sem limitação contextual

## Conclusão

Neste artigo, tratamos de ocorrências ortográficas que envolvem as *possibilidades de representações múltiplas*. Para isso, analisamos dados de 8ª série de uma escola pública. Neles, encontramos não só casos nos quais a escolha do grafema para representar determinado fonema é totalmente arbitrária, como também ocorrências nas quais existem limitações de cunho fonético-gráfico ou morfológico que auxiliam no sentido de restringir o número de opções possíveis, facilitando, assim, o trabalho do aprendiz da escrita. Os casos com limitação contextual/morfológica mostraram-se maioria dentre os dados, o que aponta a relevância de atentarmos para tais princípios, inclusive na prática pedagógica.

## Referências bibliográficas

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.

\_\_\_\_\_. *A ortografia na escola e na vida*. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis. CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das letras**: a escrita na alfabetização. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil: ALB, 2005; São Paulo: FAPESP: 1999.

\_\_\_\_\_. *Sob o signo da ortografia*. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis. CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das letras**: a escrita na alfabetização. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil: ALB, 2005; São Paulo: FAPESP: 1999.

GUIMARÃES, Marisa Rosa. **Um estudo sobre Aquisição da ortografia nas séries iniciais**, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFPel, Pelotas, 2005.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 15. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Da Silva, Michelle. MEDINA, Sabrina Zitzque. O sistema ortográfico do português brasileiro e sua aquisição. In: **Revista Linguagem e Cidadania**. Santa Maria, 14. ed., dez. 2005. Disponível em <[http://www.ufsm.br/linguagem\\_e\\_cidadania/02\\_05/index.html](http://www.ufsm.br/linguagem_e_cidadania/02_05/index.html)> Acesso em: 08 fev. 2007.

MONTEIRO, Carolina Reis. **A aprendizagem da ortografia e o uso de estratégias metacognitivas**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFPel, Pelotas, 2008.

MORAIS, Artur Gomes de (Org.). **O aprendizado da ortografia**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ortografia: ensinar e aprender**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MOREIRA, Nadja Ribeiro. PONTECORVO, Clotilde. Chapeuzinho/Cappuccetto: as variações gráficas e a norma ortográfica. In: FERREIRO, Emilia. PONTECORVO, Clotilde. MOREIRA, Nadja Ribeiro. HIDALGO, Isabel García. **Chapeuzinho vermelho aprende a escrever: estudos psicolingüísticos comparativos em três línguas**. São Paulo: Ática, 1996.

REGO, Lucia Lins Browne. BUARQUE, Lair Levi. *Algumas fontes de dificuldade na aprendizagem das regras ortográficas*. In: MORAIS, Artur Gomes de (org.). **O aprendizado da ortografia**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003.

TESSARI, E. B. **Operações Fonológicas nas alterações Ortográficas – A presença da Fonologia na Ortografia**. Dissertação de Mestrado - UCPEL - Pelotas, 2002.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

**Abstract:** *In this article, which is part of the master's thesis of the author, entitled "The Interference of speech in the writing of pupils of the 8th grade of a public school: unfoldings", we deal with the errors of writing named by Zorzi (1998) the "Alterations or errors related to the possibility of multiple representations", that is, occurrences in which the learner of writing makes mistakes in virtue of choosing, to represent a certain phoneme, a possible grapheme that has not been elected by the orthographic system of a language. In the analysis of the data, we examine a corpus of texts produced by students of two 8th grade groups from a state school of Santa Maria – RS. Besides analyzing the occurrences with the possibility of multiple representations, we focus, amongst the data, on cases in which the knowledge of a contextual rule (of morphologic type or not), on the part of the learner, could have avoided the*

*error. The results mainly point out that for the most part of the analyzed data the knowledge of contextual/morphologic regularities would have guaranteed the correct spelling of the lexical items or would have reduced the number of possible options to spell a certain phoneme, which would also facilitate the choice for a grapheme to represent an intended phoneme by the learner.*

**Keywords:** *Writing; Possibilities of multiple representations, 8<sup>th</sup> grade.*